

Artigo 3

Tema
DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Disseminação da Informação para os Deficientes Visuais: Princípios que Fazem a Diferença

Dissemination of information for the visually impaired: principles that make the difference

Ana Paula Souza Almeida
Geysa Maria Carvalho da Silva
Sara de Paula Sacramento Doria

RESUMO

Este trabalho apresenta as formas de atendimento às necessidades informacionais dos usuários das bibliotecas do Instituto Benjamin Constant. Com o avanço tecnológico e a automação dos acervos, as bibliotecas já não são meros repositórios de livros e documentos. As necessidades informacionais dos usuários são melhor mapeadas e as ações de Disseminação Seletiva da Informação ganham em qualidade. É, pois, pensando nos deficientes visuais e pesquisadores que frequentam nossas bibliotecas que sugerimos essa forma de construção da relação entre o bibliotecário e esse público.

Palavras-chave: Necessidade informacional (deficiente visual). Profissional da informação (bibliotecário). Biblioteca (deficiente visual).

ABSTRACT

This paper presents the ways to meet the informational needs of the library users at the Benjamin Constant Institute. With technological advancement and automation of archives, libraries are no longer mere repositories of books and documents. Users' informational needs are better mapped and the actions of Selective Dissemination of Information gain in quality. Therefore, thinking of the visually impaired and the researchers who attend our libraries, we suggest this form of relationship construction between the librarian and this audience.

Keywords: Informational need (visually impaired). Information professional (librarian). Library (visually impaired).

Introdução

O “olhar” bibliotecário tem que dar conta dos diferentes mecanismos que permeiam a relação entre distintas formações discursivas, além de trabalhar o caráter educativo da leitura, pois o profissional da informação também educa, ajudando os indivíduos a descobrir e compreender o mundo, nele se interagindo. (RODRIGUES, 2007)

Conforme Macedo (2007, p. 52-53), o saber ler e a leitura de modo simples antecedem à busca da informação social e à aquisição do conhecimento. O processo de aprendizagem do ler e escrever é dependente do processo de busca de informação. Cabe aos especialistas em leitura e profissionais da informação a recomendação para que aperfeiçoem o alunado e seu público, em específico na

redação de trabalhos e estímulo à literatura. Nessa atividade, tanto no ambiente escolar como no acadêmico, vale ressaltar que os componentes bibliográficos documentais, aliados à correta representação escrita, devem ativar a mente dos estudantes, a fim de que eles compreendam a importância de que um texto deve conter começo, meio e fim. Se todas essas atribuições, de fato, recaem na escola modelar, muito pode contribuir a biblioteca bem organizada e apoiada por bibliotecários que cultivem a imaginação, principalmente com projetos culturais de intenção cidadã, incluindo contribuições do Sistema de Recuperação da Informação.

Tais ideias, relacionadas às contribuições dos usuários ao Sistema de Recuperação da Informação, aplicam-se também às pessoas com deficiência visual e caminham juntas a partir da estimulação precoce, quando a criança é incentivada a conhecer o mundo à sua volta, desde sua primeira infância até a reabilitação, quando, já adulto, o indivíduo depara com a cegueira e precisa tornar-se psicologicamente confiante para recomeçar sua vida. Em todas as etapas a participação do profissional da informação é fundamental para o acesso dos usuários aos conteúdos de que necessitam para alcançar seus objetivos informacionais.

Entre os profissionais da informação e os deficientes visuais, deve estabelecer-se uma relação de confiança mútua que permita aos usuários alcançar independentemente suas metas. As conquistas dos deficientes visuais são também dos profissionais da informação.

Biblioteca Louis Braille, Biblioteca Infanto-juvenil e o Acervo Técnico Especializado: diferenças que contribuem para o desenvolvimento intelectual do deficiente visual e de seus pesquisadores

Um de nossos objetivos é estimular o desenvolvimento das competências informacionais.¹ Desse modo, contribuimos para que o usuário realize, ao longo de sua vida, a busca do conhecimento por meio da aprendizagem, sendo esta uma habilidade que se estende além da sala de aula até a responsabilidade social, incluindo o deficiente visual na sociedade.

A Biblioteca Louis Braille é composta por três acervos: livros em tinta, livros em braille e audioteca. O acervo em tinta possui aproximadamente 13 mil títulos, abordando temas de interesse geral, didáticos e diversas obras literárias. O segundo, composto por livros em braille, possui aproximadamente 858 títulos, abrangendo obras de referência, literaturas brasileira e estrangeira, filosofia, sociologia, direito, didáticos etc. A audioteca é composta por 868 títulos, de assuntos variados. A cada ano letivo que se inicia apresentamos o funcionamento da biblioteca, seu espaço físico, os serviços e materiais disponíveis aos alunos novatos. Atualmente, sua função educativa torna-se visível com a educação de usuários, pois, além de desempenhar o serviço de referência, deixa de ser somente um repositório de informação e cultura.

De acordo com Dudziak (2001), competente em informação não se refere tão somente a adquirir as habilidades e conhecimentos com vistas a lidar com a informação, mas saber utilizar as informações para se tornar um indivíduo mais cidadão.

Com o bibliotecário interagindo com a equipe de professores e participando efetivamente do planejamento curricular, foi viabilizada a criação de diretrizes para o desenvolvimento da educação de seus usuários.

A Biblioteca Infantojuvenil, com o intuito de diferenciar o atendimento ao público da instituição, vem atendendo às necessidades informacionais das crianças e jovens, incentivando a criatividade, a

imaginação e o gosto pela leitura. Conta com a prestação de serviços de uma bibliotecária e de uma recreadora, ambas com formação especializada.

Segundo o Manifesto da International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA²), a biblioteca escolar é entendida como

a biblioteca que funciona como um instrumento vital do processo educativo, não como uma entidade isolada do programa escolar, mas envolvida no processo de ensino-aprendizagem. Suas metas podem traduzir-se nas seguintes funções:

Informativa: fornecer informação viável, acesso rápido, recuperação e transferência de informação. Nesta função, a biblioteca deverá integrar as redes de informação regionais e nacionais;

Educativa: assegurar a educação ao longo da vida, promovendo meios e equipamentos e um ambiente favorável à aprendizagem, tais como: orientação presencial, seleção e uso de materiais formativos em competências de informação, sempre através da integração com o ensino na sala de aula e a promoção da liberdade intelectual;

Cultural: melhorar a qualidade de vida mediante a apresentação e apoio a experiências de natureza estética, orientação na apreciação das artes, encorajamento à criatividade e desenvolvimento de relações positivas;

Recreativa: suportar e melhorar uma vida equilibrada em encorajar uma ocupação útil dos tempos livres mediante o fornecimento de informação recreativa, materiais e programas de valor recreativo e orientação na utilização dos tempos livres. (IFLA e UNESCO, 2000)

O principal objetivo da Biblioteca Infantojuvenil é alcançar uma educação, a longo prazo, com competências e desenvolvimento da capacidade para perceber e interpretar o que foi lido por meio das leituras realizadas tanto no ambiente interno à biblioteca quanto no externo. As capacidades apreendidas pelo estudante por meio da biblioteca dotam a criança dos meios que lhe possibilitam adaptar-se a uma variedade de situações e possibilitam a educação permanente ao longo da vida, mesmo em situações adversas. A biblioteca escolar promove o literário mediante o desenvolvimento e a promoção da leitura como meio de aprendizagem e de lazer. A leitura e as atividades audiovisuais estimulam e reforçam o interesse da criança pela leitura. Pretende-se que todos os sistemas de educação sejam estimulados a integrar os contextos de aprendizagem à biblioteca escolar para partilhar os seus recursos de informação.

A biblioteca é um centro ativo da aprendizagem, por isso deve ser vista como um núcleo ligado ao esforço pedagógico dos professores, e não como um apêndice das escolas. Deve trabalhar com os professores e alunos, e não com este público separadamente. Considerada como um anexo da escola, a biblioteca, segundo Sanches Neto (1980), deve ser a alma da escola, é uma das forças educativas mais poderosas de que dispõem estudantes, professores e pesquisadores. Os alunos devem investigar, pois a biblioteca é o centro de investigação, tanto como o é um laboratório. O desejo de descobrir o que há nos livros, geralmente, existe nas crianças. Assim, a escola deve desenvolvê-lo, utilizando os espaços da biblioteca (SILVEIRA, 1996).

Serviços

A biblioteca frequentemente realiza estudos de usuário para averiguar as necessidades informacionais do público que a envolve. Recentemente, o estudo de usuário foi realizado com o propósito de conhecer o perfil e as necessidades informacionais de seus leitores, por isso foi traçada uma política de ação, a fim de planejar serviços e produtos a serem desenvolvidos pela Divisão de Atividades Culturais e de Lazer para melhor atendê-los.

As Bibliotecas Infantojuvenil e Louis Braille prestam os seguintes serviços:³

Levantamento bibliográfico: tem como objetivo reunir em um documento todos os materiais que a biblioteca tem sobre determinado assunto, para disponibilizar ao professor;

Consulta, pesquisa, empréstimo domiciliar de livros em tinta e braille;

Gravações de apostilas em fita cassete: são realizadas na biblioteca gravações de capítulos de livros, apostilas e outros materiais; transcrições para o Sistema Braille de pequenos textos, apostilas, cartas etc.;

Empréstimo domiciliar de livros em tinta e braille;

Empréstimo domiciliar de audiolivro;

Serviço de leitores voluntários, desde 1951;

Empréstimos entre bibliotecas;

Visitas guiadas.

Equipamentos/materiais disponíveis

Computadores: há quatro computadores com sintetizadores de voz (Dox Vox⁴) que permitem navegações na *web*, disponíveis para os usuários;

Tela para confecção de desenhos em relevo;

Recursos auditivos: um microsystem e três rádios portáteis com CD player, para a reprodução de histórias, para escuta tanto na forma individual quanto em conjunto;

Material tátil: para melhor compreensão das histórias contadas, usamos objetos táteis, como miniaturas de bichos, bichos de pelúcia, navio confeccionado a partir de sucata, instrumentos musicais;

Kidsmart: jogos educativos e interativos;

CCTV (*closed circuit television*, ou circuito fechado de televisão): é um aparelho que amplia a imagem do texto em até 200 vezes. Pode ser conectado a um televisor normal ou a um monitor. É utilizado para facilitar a leitura dos usuários com baixa visão. O uso do aparelho pode ser agendado, dando direito a uma hora de leitura para cada usuário;

Regletes e punções: para escrita em braille;

Gravadores: nove gravadores disponíveis para os usuários; dois CD players com MP3;

Máquinas de datilografia em braille: existem sete máquinas à disposição dos usuários;

Poet-compact: é um scanner que lê em poucos segundos qualquer documento escrito em português. Não necessita ser ligado ao computador e tem o seu próprio disco rígido, com espaço disponível para mais de 10 milhões de páginas. Devido à sua saída áudio de elevada qualidade, bem como à capacidade de transferir os arquivos para outros equipamentos, é extremamente útil em locais onde os recursos são partilhados por vários alunos cegos ou com baixa visão;

Linha braille: é um dispositivo de saída de computador que exhibe dinamicamente em braille a informação da tela.

Tanto a Biblioteca Infantojuvenil como a Louis Braille procuram estimular a interação do deficiente visual com os meios social, cultural, educacional e tecnológico, por ser um espaço democrático de aprendizagem, cuja premissa fundamental é a inclusão por meio da informação e da busca do conhecimento.

Atualmente, com os avanços das novas tecnologias da informação e comunicação (TIC), oferecemos aos nossos usuários, pesquisadores e alunos recursos que fazem a diferença no atendimento às necessidades informacionais do deficiente visual.

As bibliotecas agem como orientadoras que enfatizam os passos a serem seguidos durante a pesquisa escolar e ensinam a identificar, localizar e usar as fontes de informação. Orientam seus profissionais pesquisadores universitários em suas pesquisas acadêmicas, contribuindo para a sua formação. Nos casos de pesquisa técnica na temática educação especial e principalmente arrolando assuntos sobre deficiência visual, os pesquisadores são encaminhados ao Acervo Técnico Especializado, que possui bibliografia técnica e serviço de atendimento especializado para melhor atendê-los, inclusive para deficientes visuais estudantes dessas temáticas, auxiliando nas suas necessidades informacionais.

A interação do deficiente visual com os meios social, educacional, cultural e tecnológico é uma das prioridades da Divisão de Atividades Culturais e de Lazer, que assegura seu acesso à informação, valorizando, assim, sua independência na busca de informação e estimulando a aprendizagem independente, com formulação das estratégias e respostas para as suas necessidades.

Para garantir a igualdade entre as pessoas, não é necessário tratar todos iguais, mas oferecer direitos diferentes que lhes permitam sua participação nas mesmas oportunidades,⁵ levando em consideração o ambiente informacional em que estão inseridos os leitores, usuários, alunos e pesquisadores.

A fim de promover a aprendizagem e o letramento informacional,⁶ a Biblioteca Infantojuvenil do Instituto Benjamin Constant elabora a cada ano um projeto de incentivo à leitura, com um tema central e quatro subtemas, desenvolvidos no decorrer dos bimestres, da seguinte forma: apresentação do tema e tomada de consciência; análise da literatura; desenvolvimento do tema; e atividades relacionadas.

O objetivo do projeto é uma educação a longo prazo, com competências e desenvolvimento da capacidade de perceber e interpretar o que foi lido. As capacidades apreendidas pelo leitor visam à utilização das tecnologias da informação e comunicação, que cada vez mais implementam-se para garantir o acesso ao conhecimento a todos e a inclusão social, principalmente dos portadores de necessidades especiais, especificamente para este trabalho os deficientes visuais.

Macedo (2007) reflete ainda mais sobre a atuação do bibliotecário e a constante interação entre esse profissional e os pedagogos:

na verdade, nos diversos níveis do bom ensino prepara-se o estudante para o bem falar e escrever a língua materna; para redigir tecnicamente um trabalho escolar ou científico; conhecer as principais obras de literatura, comunicação, ciência ou, ainda, discutir temas em grupos de estudo, seminários, *workshops* etc. Se tudo isso, de fato, recai na escola modelar, muito pode contribuir a biblioteca bem organizada e apoiada por bibliotecários que cultivem a imaginação. Principalmente no que se refere a seus projetos culturais e de intenção cidadã, incluindo, por certo, contribuições do SRI. (MACEDO, 2007, p. 53)

Assim, Macedo (2007) encerra sua linha de pensamento despertando em nós bibliotecários que,

neste mundo em permanente mudança, os profissionais da informação devem integrar-se na chamada pedagogia da aprendizagem e trabalharem conjuntamente com os profissionais da educação, já que ambos são educadores! (MACEDO, 2007, p. 53)

O deficiente visual e suas necessidades informacionais

A partir da análise do comportamento informacional, Macedo (2007) define “como as pessoas necessitam, buscam, fornecem e usam a informação em diferentes contextos, incluindo o espaço de trabalho e a vida diária”, sendo considerado consistente o que pode ser denominado a totalidade do comportamento humano em relação a fontes e canais de informação.

Segundo o autor:

tanto na ordem do ensino e da vinculação da biblioteconomia à educação, quanto a princípios e práticas educativas no Serviço de Referência e Informação (SRI⁷), este é um momento de reflexões. De fato, questões de formação profissional estão a exigir melhor equacionamento para uma prospecção sobre a leitura e apoios aos usuários. Em teor educativo, o início de ações de leitura deveria preocupar-se com um ajuste de antenas entre “bibliotecário e professor”, cuja premissa estabelece que *ambos são educadores*. (MACEDO, 2007, p. 47; grifo nosso)

Constatou-se que a adequação do ambiente informacional em prol das necessidades informacionais e comportamentais é fator fundamental para o desenvolvimento intelectual do deficiente visual como aluno, usuário e pesquisador. Macedo (2007) enfatiza que

bibliotecários e professores, ambos como educadores, porém, têm a missão a cumprir com a formação de leitores! [...] além da cultura geral, aquisição da técnica e domínio da informática, o bibliotecário precisaria ser incluído [n]a capacitação adequada para a nobre tarefa de educador [...]. Ao bibliotecário, parece faltar uma revisão em seu currículo escolar quanto a disciplinas que concorram com aspectos metodológicos ao atendimento do usuário; enfim, para dar-lhe categoria de educador. (MACEDO, 2007, p. 51)

De acordo com o desenvolvimento intelectual desde a infância, passando pela adolescência e finalmente a juventude, fase esta que requer do indivíduo uma escolha quanto a seus projetos para o futuro, cabe aos profissionais da informação – nós, bibliotecários – implementar e implantar recursos que estimulem o mundo da leitura do deficiente visual, pois uma forte conscientização deve irrigar a mente de todos os tipos de profissionais e mentores que cuidam da educação básica (MACEDO, 2007, p. 51), proporcionando a essa comunidade em específico uma amplitude em relação ao conhecimento das questões que envolvam as atividades da biblioteca como disseminadora da informação e do conhecimento, para melhor solucionar seus problemas e necessidades informacionais. “Ações devem ser promovidas no sentido de que levem crianças e jovens à obtenção adequada no momento da iniciação à leitura [...]” (MACEDO, 2007, p. 51).

Segundo Pereira (1996), o conceito de biblioteca

advindo de séculos passados prendia-se à imagem de um organismo destinado à conservação de documentos, exigência esta nascida do próprio desenvolvimento intelectual do homem, que, num dado momento histórico, traduziu-se na necessidade de transmitir a seus descendentes pensamentos e experiências, não mais através das tradições orais, mas através dos caracteres simbólicos da linguagem escrita. (PEREIRA, 1996, p. 82)

Assim, Macedo (2007, p. 51) corrobora que,

desde cedo, é preciso que, em nosso caso em específico, o[s] deficiente[s] visua[is] aprendam a repensar o que leem, a interpretar e discutir em grupo, de modo mais crítico e imaginativo [...] tais práticas e projetos de apoio da leitura estão sendo revistas, especialmente, pelos enfoques da competência informacional⁸ (*information literacy*). (MACEDO, 2007, p. 51)

Isso contribui para pensarmos nas mudanças sociais alcançadas no decorrer dos séculos que colocaram de uma vez por todas esse conceito em desuso. É notado nas atividades realizadas pelos

bibliotecários o interesse que esse profissional da informação tem como facilitador e disseminador da informação e do conhecimento, e especialmente a biblioteca, “evoluindo através dos tempos, passando de mero depósito de livros a centro eminentemente social de difusão do conhecimento e da informação” (PEREIRA, 1996, p. 83). Macedo diz ainda que “[...] a iniciação do usuário ao ato de ler criticamente e às formas do aprender a aprender, fazendo!” é imprescindível para uma interação dos meios informacionais (livros ou quaisquer suportes de apoio à leitura, como CD, DVD e outras mídias) e das necessidades do usuário (DV). Dessa forma,

[...] é preciso lembrar-se sempre de que o processo de aprendizagem do ler e escrever são interdependentes [*sic*] ao processo de busca de informação. Nos inícios ao ato de ler deve estar apenas certa preocupação dos mediadores, ou seja, *pensar alto* nas habilidades da criança e do jovem no sentido de levá-los a procurar dados e refletir criticamente. (MACEDO, 2007, p. 52; grifo do autor)

Para efeitos de exemplificação com métodos de estímulo à leitura, vamos além. Pensando em efeitos de autoestima, temos Pereira (1996), em sua metodologia para a implantação de um programa de biblioterapia⁹ em bibliotecas públicas, organizado com a participação de cegos e no qual serão observadas suas necessidades informacionais e de leituras recreativas. Não serão verticalizados para o presente artigo os benefícios da biblioterapia em deficiente visual, porém, vale ressaltar que a metodologia aplicada faz da biblioteca um organismo mais que “*disseminador da informação, atribuindo valores à leitura*, como é importante, não importando se é identificada como uma *arte* ou como uma *ciência*” (PEREIRA, 1996, p. 55; grifo nosso).

No Acervo Técnico Especializado do Instituto Benjamin Constant, vinculado à Divisão de Documentação, Pesquisa e Informação (DDI), a maioria dos usuários é de pesquisadores na temática deficiência visual, com ênfase nas grandes áreas do conhecimento, como psicologia, pedagogia, educação física e música, dentre outras, e não necessariamente o deficiente visual. Assim, não somente o acervo, mas ambas as bibliotecas do Instituto possuem a orientação de promover encontros efetivos entre os usuários e os livros, ou seja, todas têm o mesmo ideal como disseminadoras da informação e do conhecimento.

O deficiente visual e sua inclusão social: o valor da biblioteca e do bibliotecário

Para que a inclusão social¹⁰ do deficiente visual aconteça, a estimulação precoce com livros deve ser iniciada nos primeiros anos de convívio no ambiente escolar, contando com o apoio da biblioteca e dos profissionais da informação envolvidos nos processos de leitura e letramento informacional. Vale salientar que, nesses processos, os professores são atores fundamentais para, juntamente com o bibliotecário, interagir, considerando as características informacionais e intelectuais de cada deficiente visual.

Passando-se por toda a fase da adolescência e finalmente chegando à juventude, gera-se uma motivação não somente na equipe da biblioteca que se empenhou em realizar a inclusão social do deficiente visual, mas também no jovem, que saberá como diagnosticar suas necessidades informacionais, agora na idade adulta. Segundo Barqueiro e Barqueiro¹¹ (2010, p. 482), “a ignorância generalizada sobre as competências das pessoas com deficiência impede-lhes o acesso às condições mínimas de cidadania”. De fato, nos países em desenvolvimento, é necessário desdobrar o sentido de capacitação informacional em nível técnico em relação às funções primárias de letramento como sendo passos importantes e anteriores aos indicadores da busca e uso da informação em cadeias de comunicação mais elevadas, em nível de estudos acadêmicos (MACEDO, 2007, p. 52). Como diz Ricardo Tadeu Marques da Fonseca (apud BARQUEIRO e BARQUEIRO, 2010):

Cada vez que se cria um novo equipamento tecnológico ou se supera uma barreira cultural, as pessoas ganham espaço em sociedade e as pessoas com deficiência, antes estigmatizadas, não mais se limitam, pois se verifica que a limitação não está nelas e sim na capacidade da humanidade em lhes proporcionar oportunidades. Esta é a importância da ideia de sociedade inclusiva: a igualdade na incorporação da diferença. (BARQUEIRO e BARQUEIRO, 2010, p. 482)

Ainda em Macedo (2007, p. 53), no caso específico da formação do bibliotecário, parecem faltar enfoques e discussões mais fortes na relação leitura e informação, bem como nos conteúdos atribuídos ao exercício de práticas pedagógicas. Conforme o autor (2007, p. 53), essas diretivas “devem ser utilizadas no momento de atendimento à criança, aos jovens e até aos adultos” portadores de deficiência visual.

A inclusão social traz à tona questões sobre o valor dessa inclusão para o deficiente visual, de forma a garantir o acesso e a dignidade do cidadão de ir e vir. Nesse caso, o *feedback* que o profissional da informação tenta alcançar ao interagir com o público transporta seu olhar para o comportamento informacional.

Assim sendo, não basta apenas uma sensibilidade profissional para melhor atendê-lo, mas, também, uma intercomunicação (interatividade), de forma a interagir e principalmente atender à necessidade informacional.

Considerações finais

A função primordial das bibliotecas é formar leitores e mantê-los independentes na busca do conhecimento.

Vale ressaltar que a interação entre as áreas do conhecimento e o profissional da informação é fator predominante para o embasamento da Política de Desenvolvimento de Coleções, que consiste nas tarefas de aquisição, seleção, compra de materiais bibliográficos, processamento técnico da informação e indexação de assuntos, bem como indexação, que compõem o vocabulário controlado do Instituto Benjamin Constant, auxiliando o aluno, o usuário e o pesquisador em suas necessidades informacionais.

Assim, de acordo com a Lei de Ranganathan^{12,13}, a cada leitor, seu livro, e a cada livro, seu leitor. A biblioteca realiza seu papel de mediadora entre a leitura, a informação, o conhecimento e o leitor, orientando o usuário no uso dos suportes informacionais, no intuito de viabilizar as medidas necessárias à disseminação da informação e do conhecimento ao público-alvo do Instituto Benjamin Constant.

NOTAS DE RODAPÉ

1 Na definição da American Library Association (ALA), competência em informação é definida como a habilidade de saber quando existe uma necessidade de informação, ser capaz de identificar, localizar, avaliar e usar efetivamente essa informação para a solução do problema ou questão que se apresenta.

2 Fundada em 1927, a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (International Federation of Library Associations and Institutions), IFLA, foi uma das primeiras organizações não governamentais, sem fins lucrativos, a promover a causa dos bibliotecários. Sua função básica é encorajar, patrocinar e promover a cooperação internacional, o debate e a investigação em todos os campos da atividade bibliotecária e compartilhar suas descobertas com a comunidade bibliotecária como um todo, para o maior bem da biblioteconomia. Considera dentro de seu domínio todos os aspectos do trabalho bibliotecário e procura contar com membros em todos os países. A IFLA aspira a falar com autoridade como voz global da profissão bibliotecária. Seus objetivos – a universalidade, a globalização e o “status” representativo – determinam tanto a estrutura da IFLA como seus programas profissionais. A Federação tem

alcance mundial. Essa afirmação pode ser comprovada com fatos: até o final de 1996 a IFLA tinha membros em 144 países. Uma expansão notável quando se pensa que foi fundada em 1927 com bibliotecários de apenas 15 países. Ela oferece um foro profissional a associações de bibliotecários, bibliotecas e associações de bibliotecas, qualquer que seja o tipo de biblioteca ou a especialidade. Todas podem encontrar seu grupo particular na estrutura piramidal das suas atividades profissionais.

3 Vale ressaltar que, para fins do Acervo Técnico Especializado, os serviços oferecidos estão de acordo com a necessidade informacional do usuário. Os equipamentos e recursos informacionais se adaptam conforme a deficiência do usuário/pesquisador. Quando há necessidade, a Biblioteca Louis Braille interage com o Acervo para melhor satisfazer o atendimento em questão.

4 Software produzido pelo Núcleo de Computação eletrônica da UFRJ e distribuído gratuitamente, o Dox Vox é um sistema para microcomputador que se comunica com o usuário por meio da síntese de voz.

5 BARQUEIRO, Rosângela Ribeiro Mucci; BARQUEIRO, Antonio Carlos. A inclusão das pessoas com deficiência visual no mercado de trabalho. In: SAMPAIO, Marcos Wilson et al. *Baixa visão e cegueira: os caminhos para a reabilitação, a educação e a inclusão*. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 2010. p. 481-494.

6 Métodos que educam o usuário a buscar informação e a usá-la por meio de atividades interativas, para dessa forma transformar o conhecimento adquirido pelo leitor/usuário.

7 O SRI significa: “interação face a face ou virtual entre bibliotecário-informação-usuário. Responde a questões de referência; interpreta fontes de informação existentes; informa e orienta; provê programas de fundo educativo, cultural e social que levem o usuário a tornar-se cidadão independente na prática da leitura e na busca e uso da informação ao longo da vida” (MACEDO, 2007, p. 63).

8 Competência informacional (information literacy)/educação do usuário: “de modo informal ou por meio de programas especiais, o usuário de biblioteca é preparado para o processo de leitura e interpretação, bem como para o uso dos recursos informativos, tanto por fontes tradicionais, quanto por via eletrônica. É momento importante para aplicar os pontos teóricos da competência informacional, ou seja, da capacitação informacional do sujeito-aprendiz da informação, para que seja, realmente, um usuário autônomo” (MACEDO, 2007, p. 63).

9 A esse respeito (TEWS, 1970 apud PEREIRA, 1996, p. 53), define biblioterapia como uma atividade interessante e desafiante para o bibliotecário, uma vez que põe vida na palavra impressa, podendo o seu impacto sobre uma personalidade individual ter efeito curativo. Tews (1970 apud PEREIRA, 1997) verticalizou a biblioterapia como um programa de atividades selecionadas envolvendo materiais de leituras planejadas, conduzidas e controladas como um tratamento, sob orientação do médico, para solução de problemas emocionais ou outros.

10 “A verdadeira inclusão da pessoa com deficiência na sociedade e o exercício de sua cidadania dependem fundamentalmente da sua participação no mercado de trabalho. Essa é a identidade social de todo cidadão. Uma sociedade inclusiva deve ser capaz de contemplar todas as condições humanas e encontrar meios para que cada indivíduo, do mais privilegiado ao mais vulnerável, por qualquer razão, tenha o direito de contribuir com o seu melhor talento para o bem comum” (BARQUEIRO e BARQUEIRO, 2010, p. 482).

11 BARQUEIRO; BARQUEIRO, 2010, *passim*.

12 São cinco leis fundamentais instituídas para a biblioteconomia pelo pensador indiano Shiyali Ranganathan.

13 Fundamentada nos comentários de GOMES, MOTTA e CAMPOS (2006): “o foco dessa lei é o livro. Ranganathan usa uma linguagem interessante para justificar a lei, dando vida aos livros. Segundo ele, os livros estão ansiosos para encontrar os leitores adequados a eles, pois seu destino, por assim dizer, são as mãos dos leitores. Para isso, eles querem ser arranjados de tal modo que haja grande probabilidade de que sejam encontrados pelos leitores apropriados. [...] Essa lei focaliza, de um lado, o aspecto sistemático que em um sistema on-line vai oferecer a visão geral do acervo, facilitando o encontro dos livros com o leitor. De outro, privilegia o tratamento dado ao livro. Da mesma forma que uma classificação só permite que cada livro seja classificado em uma única classe, também em uma taxonomia ou em um índice alfabético on-line somente um aspecto pode ser acessado. Ranganathan chama a atenção para o papel do catálogo, pois ele vai permitir o acesso a outros aspectos de um assunto não privilegiado pela notação” (GOMES, MOTTA, CAMPOS, 2006; grifo do autor).

REFERÊNCIAS

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Information literacy competency standards for higher education**. Association of College & Research Libraries. 2000. Disponível em: <<http://www.ala.org/ala/acrl/acrlstandards/informationliteracycompetency.cfm>>. Acesso em: 20 out. 2010.

BARQUEIRO, Rosângela Ribeiro Mucci; BARQUEIRO, Antonio Carlos. A inclusão das pessoas com deficiência visual no mercado de trabalho. In: SAMPAIO, Marcos Wilson et al. **Baixa visão e cegueira: os caminhos para a reabilitação, a educação e a inclusão**. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 2010. p. 481-494.

- BIANCHETTI, Lucídio; FREIRE, Ida Maria (Orgs.). **Um olhar sobre a diferença**: integração, trabalho e cidadania. In: TOMASINI, Maria Elisabete Archer. *Expatriação social e a segregação institucional da diferença: reflexões*. Campinas: Papirus, 1998. cap. 3, p. 111-134.
- DA SILVA. **O primeiro avaliador de acessibilidade em português para websites**. [S.l.]: Acessibilidade Brasil, 2006. Disponível em: <<http://www.dasilva.org.br/>>. Acesso em: 3 nov. 2011.
- DUDZIAK, E. A. **A information literacy e o papel educacional das bibliotecas**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS. **O que é IFLA**. Rio de Janeiro: IFLA, 2010?. Disponível em: <<http://iflalacro.tripod.com/hp/oqeaifla1.html#parte1>>. Acesso em: 30 nov. 2010.
- GOMES, Hagar Espanha; MOTTA, Dilza Fonseca da; CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. **Revisitando Ranganathan**: a classificação na rede. Rio de Janeiro: [s.n.], 2006. Disponível em: <<http://www.conexao rio.com/bit i/revisitando/revisitando.htm>>. Acesso em: 24 nov. 2010.
- LIMA, Priscila Augusta. **Educação inclusiva e igualdade social**. São Paulo: Avercamp, 2006.
- MANIFESTO IFLA/UNESCO PARA BIBLIOTECA ESCOLAR. **A biblioteca escolar no ensino e aprendizagem para todos**. São Paulo: IFLA/Unesco, 2000. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2010.
- MACEDO, Neusa Dias de. Leitura e sintonia entre bibliotecário e professor, eis as questões!. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica**: na formação do profissional da informação. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p. 47-64.
- NBR 6023:2002. **Informação e documentação**: referências: elaboração. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2002.
- _____. 6024:2002. **Informação e documentação**: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2002.
- _____. 6028:2003. **Informação e documentação**: resumo: apresentação. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2003.
- _____. 10520:2002. **Informação e documentação**: citações em documentos, apresentação. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2002.
- PASSOS, Jeane dos Reis; FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. **O deficiente visual e o acesso à memória coletiva do conhecimento dos primórdios a era digital**: estudo de acessibilidades em fontes informacionais acadêmicas brasileiras. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010?. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.com.br/progdefi.htm>>. Acesso em: 3 nov. 2010.
- PEREIRA, Marília M. Guedes. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: Universitária, 1996.
- RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca. Introdução. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica**: na formação do profissional da informação. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p. 13-17.
- SANCHES NETO, Miguel. Desordenar uma biblioteca: comércio & indústria da leitura na escola. **Revista Literária Blau**, Porto Alegre, v. 4, n. 20, p. 20-24, mar. 1998.

SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. **Fontes de informação e as necessidades informacionais**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/%7Eursula/3211/mapa_fontes.jpg>. Acesso em: 19 ago. 2010.

Ana Paula Souza Almeida é bibliotecária e documentalista pela Universidade Federal Fluminense, atuando na Divisão de Documentação, Pesquisa e Informação (DDI) do Instituto Benjamin Constant. E-mail: anaalmeida@ibc.gov.br

Geysa Maria Carvalho da Silva é bibliotecária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, atuando na Biblioteca Louis Braille da Divisão de Atividades Culturais e Lazer (DAL) do Instituto Benjamin Constant. E-mail: geysa@ibc.gov.br

Sara de Paula Sacramento Doria é bibliotecária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, atuando na Biblioteca Infantil da Divisão de Atividades Culturais e Lazer (DAL) do Instituto Benjamin Constant. E-mail: sarapasrj@gmail.com